

A MORTE DE DEUS E A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Célio de Almeida Garcia Junior¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo pensar sobre a “morte de Deus” e as consequências na espiritualidade cristã. Para tal, se fez necessário apresentar as teorias sobre a presença ou ausência de Deus na criação, e até mesmo a sua inexistência. Foram expostos, as seguintes teorias: o Teísmo, Deísmo, Teísmo aberto, Panteísmo, Panenteísmo e o Ateísmo. A morte de Deus na filosofia, no Antigo Testamento e no Novo Testamento, principalmente na cruz e a ressurreição de Cristo, serviu de arcabouço para enxergar as consequências na espiritualidade cristã, que devido as dificuldades das instituições na modernidade líquida tem perdido muitos adeptos. Consequentemente, a morte de Deus, se tornou um tema necessário a ser estudado. A espiritualidade cristã, recebeu atenção e se evidenciou que a busca de sentido, não está no cristianismo, mas sim, em Jesus, o Cristo, não está na instituição, mas na relação direta com Deus, dessa forma, se abre as portas para novas espiritualidades no mundo, onde Deus está.

Palavras-chaves: Deus, morte, espiritualidade.

Abstract: This article aims to think about the "death of God" and the consequences on Christian spirituality. To this end, it was necessary to present theories about the presence or absence of God in creation, and even its non-existence. The following theories were exposed: Theism, Deism, Open Theism, Pantheism, Pantheism and Atheism. The death of God in philosophy, in the Old Testament and in the New Testament, especially on the cross and resurrection of Christ, served as a framework for seeing the consequences on Christian spirituality, which due to the difficulties of institutions in liquid modernity has lost many adherents. Consequently, God's death became a necessary theme to be studied. Christian spirituality has received attention and it has been evidenced that the search for meaning is not in Christianity, but in Jesus, the Christ, it is not in the institution, but in the direct relationship with God, in this way, the doors to new spiritualities in the world, where God is, opens the doors to new spiritualities in the world, where God is.

Keywords: God, death, spirituality.

Introdução

A “morte de Deus” na história da filosofia e da teologia já ocorreu diversas vezes na história. Os pensadores sempre se debruçaram nessa temática, produzindo muitas discussões, teorias e livros. A morte de Deus em qualquer ciência humana, traz

¹Mestre em Teologia Prática- Faculdade Batista do Paraná, Doutorando em Teologia Sistemática - PUC-RIO.

consequências para a espiritualidade, pois, meche com as convicções, práticas religiosas e ou espirituais.

O ser humano sempre buscou entender Deus, e como não se consegue, porque a criatura, não tem como compreender o criador, somente pode conhecê-lo pela iniciativa do próprio Deus em se revelar², assim, partiram as interpretações da revelação geral ou especial, e construíram teorias sobre a morte de Deus. As próprias concepções sobre Deus e sua presença ou ausência já trouxeram muitas contribuições para a filosofia, a teologia e a espiritualidade. Alguns acham que o termo “Deus”, faz referência a algum aspecto realista da experiência humana. Os estudiosos céticos sugerem que todo discurso sobre Deus é obsoleto, sendo um resquício da infância da humanidade, mera racionalização do desejo, consequência de condições socioeconômicas opressivas, ou o sucessor da ignorância e da fraqueza humana.³

Para discutir sobre a “morte de Deus” na espiritualidade cristã, foi feito o seguinte caminho: Na introdução, foi situada a morte de Deus na filosofia e na teologia e se apresentou os capítulos a serem discutidos. No segundo capítulo, foi exposto as teorias sobre a criação e presença de Deus, e as suas consequências na relação humana com o divino. O capítulo seguinte, retratou a temática da morte de Deus na filosofia, no monoteísmo bíblico, na cruz, na ressurreição e consequentemente na esperança humana. O quarto capítulo, enfatiza a espiritualidade cristã que busca sentido para a vida, encontrando em Cristo.

O atual cenário da modernidade líquida é lembrado, pelo fato, de apontar características que mudaram as formas de buscar o sagrado, e até mesmo a fluidez nas buscas, que apontam para uma mudança de experiências constantes. O mundo moderno com a sua consistência, ficou para traz, consequentemente, as instituições, inclusive a igreja, sofrem com essas mudanças contemporâneas. Na idade média, a verdade estava na igreja, na modernidade, a verdade encontrava-se na ciência e hoje, na modernidade líquida ou pós-modernidade, a verdade está no ser humano e na sua busca pela felicidade.

Dessa forma, o artigo tem como objetivo contribuir com esse tema relevante e atual, que se faz necessário no cenário contemporâneo, de busca por respostas de Deus e sobre Deus, para dar sentido para a vida humana e sua espiritualidade.

² ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2015, p.140.

³ HAUGHT, John F. **O que é Deus?** Como pensar o divino. São Paulo: Paulinas, 2004, p.9.

Teorias sobre a criação e a presença de Deus no mundo

Diversas são as teorias sobre Deus e a sua presença no mundo. Tem aqueles que até duvidam que Deus exista, esses são chamados de ateus⁴. Os teístas⁵ crêem que Deus criou e continua sustentando toda a sua criação. Os deístas⁶ acreditam que Deus criou, porém, abandonou a sua criação. Ainda se encontra outras teorias como o teísmo aberto⁷ que admite que Deus criou, se afastou e é avisado pelas orações, do que está acontecendo. Além, do panteísmo⁸ que acredita que tudo é Deus, e do Panenteísmo⁹ que diz que tudo está em Deus.

Os teístas têm dificuldades para discutir sobre a presença do mal. Se Deus está presente e sustenta todas as coisas, como explicar o mal, como entender a teodicéia, como justificar a presença do mal e as consequências causadas por ele.

Historicamente, a teodicéia surge como tentativa de conciliar a existência de Deus com a do mal, tornando-o compreensível à razão. A idéia é justificar racionalmente a afirmação de Deus, apesar do escolho representado pelo mal. A teodicéia tem uma dupla função: por um lado, tenta conciliar a existência de Deus com a do mal, explicando a razão e a finalidade do mal pela perspectiva teocêntrica. Na religião, sempre há um germe de teodicéia em sentido amplo na medida em que ela procura dar uma resposta em um significado à dor, à morte e à imperfeição moral. A teodicéia é um sistema motivador e explicativo do mal, elemento constitutivo das religiões.¹⁰

Devido a isso, e por outros argumentos, os ateus dizem que Deus não existe, tudo acabará quando o ser humano morrer, a morte é o fim, e na verdade Deus nunca existiu. São os materialistas, tudo que existe é a matéria, não acreditam em vida após morte. Morreu, acabou. Esse pensamento faz com que se valorize esta vida, pois, é única, porém, a esperança metafísica se evapora. Esse pensamento provoca um segundo aspecto da teodicéia para os teístas.

Há um segundo aspecto da teodicéia que é específico das tradições ocidentais: o de defender a existência de Deus contra a contestação racional de que ele não pode ser porque existe o mal. No bojo das tradições religiosas ocidentais, tenta-se conciliar a idéia de um Deus onipotente e bom com a existência do mal, e encontrar uma resposta para a aporia de Epicuro, que terá repercussões sobre toda a tradição

⁴ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017, p. 21.

⁵ GRUDEN, Wayne. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 202, 203.

⁶ GRUDEN, Wayne. Op. Cit, p. 205.

⁷ FERREIRA, Franklin. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.309.

⁸ STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 206.

⁹ STURZ, Richard J. Op. Cit, p. 206.

¹⁰ ESTRADA, Juan Antonio. **A impossível teodicéia: A crise da fé em Deus e o problema do mal**. São Paulo: Paulinas, 2004, p.32,33.

filosófica e que poderia ser expressa coma clássica formulação de Boécio: Si Deus est, unde maia? Bona vero unde, si non est? [Se Deus existe, de onde provém o mal? Se Deus não existe, de onde provém o bem?] Essa contraposição sistemática e alternativa entre Deus e o mal é genuinamente moderna.¹¹

Os deístas apresentam um Deus limitado, que não é pessoal, e nem imanente. Um Deus puramente transcendente, que não desce para participar da dor humana, para estar com a sua criação; ele está distante, até mesmo ausente. Um Deus distante que não responde as questões existências humanas, quando se precisa de ajuda divina. O mundo seria regido pelas leis da criação, deixadas por Deus. A falta de equilíbrio entre a transcendência e a imanência está presente nessa teoria, e, é um grande problema para o estudo sobre Deus.

Os teístas abertos, esquecem a onipotência de Deus, acreditam que ele é avisado dos acontecimentos pelas orações. Esse pensamento do conhecimento limitado de Deus é para justificar a presença do mal no mundo. Deus só intervém quando informado, quando convidado para se manifestar. Um Deus limitado, deixaria de ser Deus. Se ele não tem todo o conhecimento, ele não é Deus. A ausência de conhecimento de Deus não pode ser usada para justificar a presença do mal.

Já os panteístas são o outro extremo. Se o Deus dos deístas é puramente transcendente, o Deus dos panteístas é totalmente imanente. Deus é tudo, a natureza é Deus. Dessa forma, Deus é diminuído a sua criação. Essa concepção é muito mais oriental do que ocidental, diferente do deísmo. É uma outra forma de materialização de Deus; se Deus é matéria, pode-se matar à Deus, o que contrasta com o pensamento que Deus é Espírito.

Os panenteístas já trazem uma contribuição diferente. Tudo está em Deus, mas Deus é maior do que tudo. Aqui, como no teísmo se encontra um Deus imanente e transcendente.

Observa-se que as diversas teorias sobre Deus, a criação e a sua presença, influencia diretamente na fé e na prática da espiritualidade. Por isso, é importante refletir sobre esses pensamentos e as suas consequências.

A morte de Deus e da esperança

¹¹ ESTRADA. Juan Antonio. Op. Cit, p. 33.

O século XIX foi marcado por diversos anúncios sobre a morte de Deus e ao mesmo tempo pelo crescente ressurgimento das tradições religiosas.¹²

A morte de Deus na filosofia, vem pelo interesse atual, pela incidência que apresenta como a problemática do teísmo filosófico que é inerente ao processo do pensar filosófico. Nietzsche mostrou a relação que existe entre a filosofia ocidental e a proposta de Deus, que segundo ele, a morte de Deus abria nova possibilidade para o pensamento, já que o sacerdote é o “pai do ocidente”. Com a morte de Deus, se encerra uma tradição humana que estava na raiz da cultura, e de valores objetivos que serviam de referência absoluta para o homem. A morte de Deus no nível cultural e epistemológico, tornava possível uma nova proposta, “nova aurora” para o século XX.¹³

Para Nietzsche, o tema religioso é nuclear para a abordagem da complexidade da cultura e da filosofia. Na realidade, a fé nas estruturas da razão e a fé em Deus pertenciam a um mesmo credo filosófico que é o que Nietzsche pretendia superar a partir de um niilismo epistemológico, com pretensões ontológicas. De qualquer maneira, o processo para a razão e para o Deus judeu-cristão convergia para uma mesma dinâmica.¹⁴

A proposta de Nietzsche, que vincula Deus com o conceito de razão, conhecimento e linguagem foi completado por Heidegger em sua crítica a ontoteologia, que diz que toda metafísica é ao mesmo tempo teologia. Não se tem como filosofar sem recorrer a idéia fundamental, ao ente divino que serve de chave de abóbada para todas as sistematizações unificadoras da consciência.

A morte de Deus na filosofia, fez com que houvesse um giro antropocêntrico, colocando o homem no centro da sociedade. Essa mudança, promoveu a necessidade de pensar a morte de Deus nas construções da razão, como consequência, houve a crise epistemológica, axiológica, moral e religiosa.¹⁵

Já a morte de Deus no monoteísmo bíblico, é por consequência de um amplo imaginário religioso, favorável a violência e a morte nos relatos do Antigo Testamento.

É sobretudo a problemática do mal a que enquadra essa experiência religiosa ambígua. O terror diante do Deus numinoso, fascinante e terrível, determina a experiência religiosa de Israel (Ex 20.18-20). Como o dualismo é incompatível com o estrito monoteísmo hebreu, não há outro remédio a não ser atribuir a Javé a origem

¹² ESTRADA, Juan Antonio. **Deus nas tradições filosóficas**: Aporia e problemas na teologia natural. São Paulo: Paulus, 2012, p.10

¹³ ESTRADA, Juan Antonio. Op. Cit, p. 11,12.

¹⁴ ESTRADA, Juan Antonio. Op. Cit, p. 12.

¹⁵ ESTRADA, Juan Antonio. **Las Muertes de Dios**: Ateísmo y Espiritualidad. Madrid: Editora Trotta: 2018, p.53.

do bem e do mal (Am 3.6; Is 45.7). Os textos oscilam entre a pancausalidade de Javé, que é a origem última das desgraças humanas (Ex 11.4; Lv 26.26; Dt 28.22; Am 3.6; Lm 3.28; Ecl 7.14), e sua luta contra o caos e as entidades do mal. Contudo, a criação legitima Deus, criador de luz e trevas (Is 45.7). Deus se arrepende de ter criado o homem e decide aniquilá-lo com o dilúvio (Gn 6.5-7; 7.23), para depois se corrigir em favor do homem (Gn 9.11, 15). Mantém-se a idéia remanescente do combate entre o número divino e o ser humano (Gn 32; Ex 4.24-26) e se faz do homem vítima culpável (2 Sm 24.1, 10-17). Não se pode afirmar, portanto, que o Deus que os textos judaicos apresentam é, sem mais nem menos, o Deus bom e misericordioso.¹⁶

Ao analisar a Bíblia hebraica se vê a presença de um Deus que possui traços malignos, sendo o pano de fundo de um Deus guerreiro. Se encontram passagens que fazem alusões às “guerras de Javé” (Nm 14.21), à “vingança do Senhor” contra os inimigos, que também são inimigos do povo israelita (Nm 21.3; Dt 32.35; Sl 94.1; Is 35.4; 61.2), a violência religiosa (Nm 25.6-14; 1Mc 2.45-47), a conquista da terra prometida (Js 1-12). Devido a esses e outros relatos do AT, pode-se entender que a concepção de Deus na tradição judaica está impregnada das categorias do meio sociocultural e geográfico do Oriente Próximo, pois, neste contexto os deuses lutam contra os inimigos do seu povo e inclusive se encolerizam e dizem aos seus próprios seguidores. O Deus do AT é o Deus dos exércitos.¹⁷

A fé no Deus do AT, perde seus fundamentos racionais últimos e se torna uma interpretação da vida e da história, de como o povo judeu encontrou a sua identidade e força na divindade.¹⁸

No Novo Testamento dois acontecimentos marcam a trajetória da morte de Deus, a morte de Jesus, o Cristo, na cruz e a sua ressurreição dos mortos. A realidade do crucificado, se encontra no evangelho de João (Jo 19.16-42), os outros evangelhos se ocupam com outros significados da crucificação. Esse evangelho é o último a ser escrito, e a sua preocupação é muito mais teológica do que narrativa, apesar de manter um núcleo histórico. Ele ressalta o messianismo real de Jesus, quando Pilatos manda colocar o título na cruz (Jo 19.20). Este título possui significado universal, e aponta para a divindade de Jesus.¹⁹ Dessa forma, a morte de Jesus se torna a morte de Deus.

A outra passagem que enfatiza a morte de Deus é o fato de os evangelistas apresentarem o Jesus ressuscitado. Como poderia através das ciências provar que Jesus

¹⁶ ESTRADA, Juan Antonio. **Imagens de Deus: A filosofia ante a linguagem religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 50.

¹⁷ ESTRADA, Juan Antonio. Op. Cit, p.51.

¹⁸ ESTRADA, Juan Antonio. Op. Cit, p.83.

¹⁹ ESTRADA, Juan Antonio. **Da Salvação a um Projeto de Sentido: Como entender a vida de Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 204.

ressuscitou no terceiro dia? Através de métodos científicos chega-se a conclusão que não se tem como provar esse evento, com isso, a ressurreição que é a base da fé cristã, estaria morta. A demitologização do NT, proposto por Rudolf Bultmann (1884-1976), na sua teologia existencialista, leva consigo a um Jesus histórico, que não ressuscitou, se perdendo a esperança de uma salvação metafísica.²⁰ Jesus se torna um mestre, um profeta, um exemplo a ser seguido.

Essas concepções sobre a morte de Deus na filosofia, no antigo e no novo testamento, fez com a esperança ficasse a cargo da fé. Da mesma forma, que a ciência não tem como comprovar que Deus não existe, também não tem como negar que ele existe. Chega-se na conclusão de que a fé, a experiência com o sagrado é o que traz esperança e significado para os cristãos.

A Espiritualidade Cristã que busca sentido

A espiritualidade cristã, busca sentido, o otimismo mesmo vivendo a tríade trágica, a dor, a culpa e a morte²¹, dizendo sim para a vida, mesmo no meio de tantas dificuldades, procura sentido para viver, isso é existencial e humano. A sensação do homem moderno de falta de sentido, de vazio interior, pode ser denominada de vazio existencial, manifestando principalmente na indiferença e no tédio em relação ao mundo.²² Na busca última do homem, ele encontra sentido somente em Deus, através de uma busca inconsciente transcendente²³, como nos salmos que se fala de um Deus oculto. O Deus inconsciente, significa a relação oculta da pessoa com Deus igualmente oculto.²⁴

Como se relacionar com um Deus que não se entende, que não se conhece? Algumas coisas sobre Deus perturbam moralmente, principalmente no Antigo Testamento, com uma enorme quantidade de violência, atos violentos, palavras violentas e metáforas violentas. A destruição de povos inteiros como dos cananeus nos deixa atônitos. Há coisas que não se entende sobre Deus, porque são mistério, mas enche de gratidão, pois não teria como viver sem a realidade de sua verdade, aceita pela fé.²⁵

²⁰ MILLER, ED. L. e GRENZ, Stanley J.. **Teologias Contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.68.

²¹ FRANKL. Viktor E. **Em busca de Sentido**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991, p. 119.

²² FRANKL. Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007, p.100.

²³ FRANKL. Viktor E. Op. Cit, p.58.

²⁴ FRANKL. Viktor E. Op. Cit, p.59.

²⁵ WRIGHT, Christopher J. H. **O Deus que eu não entendo**: Para compreender melhor algumas questões difíceis da fé cristã. Viçosa, MG: Ultimato, 2011, p.19.

O exemplo supremo é a própria cruz. Quem é audacioso o suficiente para dizer que entende exatamente como a cruz pode suprir nossas necessidades mais profundas? E ainda nos apegamos ao fato de que, pela graça de Deus e pela autoridade da sua Palavra, ela o consegue. Tem sido sabiamente destacado que, quando Jesus resolveu explicar a expiação a seus discípulos, ele não lhes ofereceu uma teoria, mas uma refeição. É claro que isso não fez com que as pessoas parassem de teorizar, começando, de fato, com aqueles primeiros discípulos e com aquele que mais tarde se uniria a eles, o apóstolo Paulo. E a controvérsia prevalece em relação ao significado da cruz. Sem dizer que a entendemos totalmente, podemos, pelo menos, acabar com alguns dos piores mal-entendidos.²⁶

No meio de tantos mistérios, como fica a espiritualidade cristã? Como crer no meio de tantas dúvidas? Essas dúvidas suscitam questões existenciais, a busca de sentido, de significado de vida. Sobre isso, Juan Antonio Estrada, escreve:

E as coisas são assim porque o problema continua sendo o significado, sentido ou valor da vida humana. Pergunta fundamental, para a qual não há resposta científica, e, contudo, uma pergunta inevitável, pois somos enviados a interpretar, avaliar e hierarquizar o mundo em que nos movemos. Ao mesmo tempo que rompemos a mera dinâmica dos instintos como normativos da conduta humana, precisamos nos perguntar por aquilo que é ou não é importante, por aquilo que gera felicidade e plenitude, e por aquilo que é bom ou mau no momento de orientar nossa vida. Estas são as perguntas que levam à religião: De onde viemos e para onde vamos? O que significa o viver e o morrer? Quais são as orientações básicas para realizar-nos como pessoas e ser felizes? O que é o bem e o mal para o homem? Há bem e mal objetivos e normativos, ou tratar-se-ia unicamente de instâncias subjetivas, o bom e o mal para mim, ou para uma cultura determinada? Como lutar contra o mal, em suas diversas dimensões, e o que podemos esperar à luz da injustiça, do sofrimento e da morte, que questionam o sentido do homem? O ser humano é um ser que se faz perguntas sobre essas realidades e procura o seu significado, para além da facilidade da origem e da meta final de nosso ser animal.²⁷

A vida espiritual é marcada por diversas experiências com o sagrado, que nos permite conhecer um pouco de Deus que se revelou nessa vivência. Deve-se encontrar Deus na vida humana marcada por essa relação. O alemão Dietrich Bonhoeffer (1906 - 1945), escreve sobre isso:

Devemos encontrar Deus naquilo que conhecemos e não naquilo que não conhecemos; Deus não quer ser compreendido por nós nas questões não resolvidas. [...] Deus tem de ser conhecido não apenas nos limites de nossas possibilidades, mas no centro da vida. [...] A razão disto está na revelação de Deus em Jesus Cristo. Ele é o centro da vida, e de modo alguma “veio para” trazer-nos a resposta para questões não resolvidas.²⁸

A espiritualidade cristã, faz com que se testemunhe as experiências com Deus, no centro da vida; o Deus transcendente e humano, faz com que o ser humano transcenda a

²⁶ WRIGHT, Christopher J. H. Op. Cit, p.19.

²⁷ ESTRADA, Juan Antonio. Op. Cit, p.30, 31.

²⁸ BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e Submissão**: Cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo, RS: 2003, p.415.

sua humanidade e viva a sua espiritualidade. Testemunhar de Deus, é encarnar a sua revelação e pela fé viver na história, a esperança.

Falar de Deus não nos limites, mas no centro, não nas fraquezas, mas na força, portanto não na morte e na culpa, mas na vida e no bem das pessoas. Nos limites, parece-me mais adequado calar e deixar que o insolúvel permaneça sem solução. A fé na ressurreição não é a “solução” para o problema da morte. O “além” de Deus não é o além da nossa capacidade de compreensão! [...] Deus é transcendente no centro de nossa vida.²⁹

Sendo assim, o ser humano se torna humano, porque Deus se fez ser humano. Porém o ser humano não se torna Deus. Assim, não é ele que pode promover a transformação de sua forma; o próprio Deus muda sua forma na forma do ser humano, para que este possa ser humano perante Deus.³⁰ Deus se fez humano em Cristo, e isso mostra a busca de Deus por essa relação com o ser humano. Nesse sentido, a busca de Deus, antecede a vida espiritual humana. Somente Deus, através de Cristo, pode dar forma mais humana ao homem. A cristologia, na dupla dinâmica de Cristo Filho de Deus e do Deus encarnado, deve ser compreendida a partir da complementação entre a criação e a escatologia.³¹

Não se lê que Deus se fez idéia, princípio, programa, validade universal, lei, mas que Deus se fez ser humano. Isso significa que a forma de Cristo, tão certo como é e permanece única e idêntica, deseja ganhar forma no ser humano real, vale dizer, de maneira muito diversificada. Cristo não elimina a realidade em favor de uma idéia que exigisse realização contra toda a realidade; antes, faz vigorar a realidade, afirma-a; na verdade, ele é o ser humano real e, assim, o fundamento de toda realidade humana. Conformação de acordo com a forma de Cristo inclui, pois, as duas coisas: que a forma de Cristo permanece uma e a mesma, não como idéia geral, mas única como ela é, o Deus encarnado, crucificado e ressuscitado, e, por outra, que justamente por causa da forma de Cristo seja preservada a forma do ser humano real e que, assim, o ser humano real assimile a forma de Cristo.³²

O declínio das instituições na modernidade líquida³³, também afetou o cristianismo e, é confundida muitas vezes com a morte de Deus. Esta espiritualidade remete a uma nova reestruturação do estilo de vida cristão numa época pós-religiosa. Correspondendo a novas dinâmicas sociais, já que a identidade cristã não é estranha aos códigos culturais. Quando muda a concepção de homem e cultura se estrutura de forma diferente, o cristianismo não tem outra forma, senão mudar a si mesmo. Hoje, se vivem crises de espiritualidade porque as diversas teologias estão pensadas para sociedades de

²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. Op. Cit, p. 373.

³⁰ BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005, p. 56.

³¹ ESTRADA, Juan Antonio. **Para compreender como surgiu a Igreja**. São Paulo, SP: Paulinas, 2005, p.522.

³² BONHOEFFER, Dietrich. Op. Cit, p.52.

³³ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001, p.13,14.

cristandade. É preciso aprender a buscar Deus na vida, reconhecendo que o mundo é um lugar para se encontrar Deus.³⁴

Considerações Finais

As teorias sobre a criação e a presença de Deus, apontam para várias possibilidades de espiritualidades, no ateísmo e no deísmo uma espiritualidade até mesmo sem Deus. Pois, no ateísmo Deus não existe e no deísmo, Deus abandonou toda a criação, inclusive o ser humano. O panteísmo indica uma espiritualidade na relação com a natureza e o panenteísmo mostra a possibilidade de uma espiritualidade cósmica. O teísmo aberto aguça a relação com um Deus que não é onisciente, e isso demonstra a limitação de Deus. A espiritualidade aqui se torna um meio de consumo quando se ora, e Deus responde fazendo a vontade humana. Já no teísmo, pode-se destacar a crença que Deus criou e continua sustentando todas as coisas, alicerçando a espiritualidade cristã através das experiências com Deus e a fé na sua revelação.

A morte de Deus na filosofia, no monoteísmo bíblico, na cruz, e na ressurreição de Cristo, não matou a espiritualidade cristã, pois o ser humano busca sentido em Deus; apenas, alguns não aceitam a mediação eclesial e, muito menos, que a igreja atual represente esse projeto de sentido. Por isso, se faz necessário uma reforma eclesial que a purifique dos elementos acumulados da história, contrários ao reino de Deus que Jesus quis instaurar. Somente um cristianismo humanista, que não contrapõe Deus ao homem, mas os faz convergir, é capaz de oferecer um projeto de sentido válido para hoje.³⁵

O cristianismo, com sua afirmação da encarnação de Deus, diviniza uma experiência humana concreta e rejeita a resignificação e o ceticismo no que diz respeito ao conhecimento de Deus. Responde a incapacidade humana para chegar ao Absoluto, com a comunicação dele numa história humana. Contudo, as próprias pretensões da teologia cristã com suas afirmações remetem a uma confirmação escatológica. No ínterim histórico, tais pretensões são válidas unicamente enquanto convicções de fé, arraigadas na própria experiência, suscetíveis de crítica e de negação e revisáveis à luz da experiência histórica. Só assim podem fugir do fundamentalismo idolátrico e servir como abertura à transcendência e não como caminhos sectários que levam ao irracionalismo. Enquanto se dicotomizar Deus e o homem, salvando a absolutez do primeiro à custa do seu deslocamento para o âmbito divino, perde-se a perspectiva encarnadora para a qual aponta o cristianismo, que não aceita o mundo sem Deus, mas também não aceita um Deus

³⁴ ESTRADA. Juan Antonio. Op. Cit, p. 326.

³⁵ ESTRADA. Juan Antonio. Op. Cit, p. 326, 327.

sem os homens. Por isso, não se pode falar de Deus em si, sujeito com atributos, de forma isolada. Pode-se apenas confessá-lo enquanto revelação que abre a transcendência humana e lhe dá um significado mais amplo e profundo, mas sem tirar o homem do mundano, terreno e finito, que é o seu âmbito constitutivo. Daí o inevitável da projeção humana, dos antropomorfismos de Deus, de suas manipulações conceituais e práticas. Por isso, o cristianismo não pode renunciar à crítica racional a partir de uma fé que pergunta ao intelecto e se abre à crítica filosófica.³⁶

A espiritualidade cristã que busca sentindo, o faz em Deus, na experiência com o sagrado, não precisando da religião atual para tal. A vida cristã tem como característica a relação com Deus Trindade, e essa experiência leva a reconhecer que tem um Pai, e que são filhos amados de Deus, trazendo consigo a marca inextinguível do Criador, pois é, imagem e semelhança de Deus (Gn1.26). O ser humano, vive dessa gratuidade divina, e, é marcado, pela presença de Deus em sua origem e destino.³⁷

O Cristianismo para ser relevante num mundo secularizado, precisa mudar as estruturas tradicionais da cristandade por outras que correspondam à sociedade atual, tendo a proposta de vida de Jesus e seu reino como fundamentais. A vivência humana se completa com a fé na ressurreição, a fim de enfrentar a própria morte, contemplando cada aspecto da existência: É uma interpretação da vida que não nega afinidade e sintonia com outras coisas, visões humanistas, mas que tem seu eixo central baseado na vida, morte e ressurreição de Jesus.³⁸

A fé em Deus implica um envolvimento de toda a pessoa. Não se trata de uma questão meramente intelectual ou retórica. Ao acolher na fé o Deus revelado em Jesus Cristo, a pessoa está investindo todo o seu ser, toda a sua vida. E é, portanto, de dentro dessa adesão, livremente realizada, que ela experimenta a luminosidade, a verdade, o acerto de sua decisão, comprovada e fortalecida por sua própria vida. Consequentemente, quanto mais vive sua fé em Deus, tanto mais percebe, sente, experimenta Deus como próximo, amigo, compassivo e fonte de vida.³⁹

A vida na espiritualidade cristã está intrinsecamente ligada na fé em Cristo. O ser humano em sua totalidade pode encontrar em Jesus as respostas para a esperança encarnada e metafísica. Em Cristo, se busca e encontra o sentido último da vida. A racionalidade da modernidade e a sua rigidez, a fluidez da modernidade líquida ou pós-modernidade, não são empecilhos para a experiência em Cristo com Deus. Somente em Cristo o homem é mais humano e completo.

³⁶ ESTRADA, Juan Antonio. Op. Cit, p. 288.

³⁷ BINGEMER, Maria Clara e FELLER, Vitor Galdino. **Deus amor**: a graça que habita em nós: Trindade e graças II. São Paulo, SP: Paulinas, 2003, p. 9.

³⁸ ESTRADA, Juan Antonio. Op. Cit, p.210.

³⁹ MIRANDA, Mario de França. **Vislumbres de Deus**. São Paulo, SP: Paulinas, 2019, p. 138.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2017.
- BINGEMER, Maria Clara L. **Deus amor**: a graça que habita em nós: Trindade e graças II. Maria Clara L. Bingemer e Vitor Galdino Feller São Paulo, SP: Paulinas, 2003.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e Submissão**: Cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo, RS: 2003.
- ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2015.
- ESTRADA, Juan Antonio. **A impossível teodicéia**: A crise da fé em Deus e o problema do mal. São Paulo, SP: Paulinas, 2004.
- ESTRADA, Juan Antonio. **Da Salvação a um Projeto de Sentido**: Como entender a vida de Jesus. Petropolis, RJ: Vozes, 2016.
- ESTRADA, Juan Antonio. **Deus nas tradições filosóficas**: Aporia e problemas da teologia natural. Vol. 1. São Paulo, SP: Paulus, 2012.
- ESTRADA, Juan Antonio. **Imagens de Deus**: A filosofia ante a linguagem religiosa. Rio de Janeiro, RJ: Paulinas, 2007.
- ESTRADA, Juan Antonio. **Las Muertes de Dios**: Ateísmo y Espiritualidad. Madrid: Editora Trota: 2018.
- ESTRADA, Juan Antonio. **Para compreender como surgiu a Igreja**. São Paulo, SP: Paulinas, 2005.
- FERREIRA, Franklin. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. Franklin Ferreira e Alan Myatt. São Paulo, SP: Vida Nova, 2007.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de Sentido**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.
- GRUDEN, Wayne. **Teologia Sistemática**: Atual e Exaustiva. São Paulo, SP: Vida Nova, 2010.
- HAUGHT, John F. **O que é Deus?** Como pensar o divino. São Paulo, SP: Paulinas, 2004.
- MILLER, ED. L. e GRENZ, Stanley J. **Teologias Contemporâneas**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2011.
- MIRANDA, Mario de França. **Vislumbres de Deus**. São Paulo, SP: Paulinas, 2019.
- STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2012.

WRIGHT, Christopher J. H. **O Deus que eu não entendo**: Para compreender melhor algumas questões difíceis da fé cristã. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.